

A Flores

CADÁVERES

A Flores

Sob as matas
Pelos pastos
Sob as pontes
Nos canais
Há Cadáveres

No trilho de um trem que nunca se detém
Na esteira de um barco que naufraga
Num marulho, que se apaga
nos molhes estações nos trampolins e cais
Há Cadáveres

Nas redes dos pescadores
E no estorvo dos caranguejais
Na dos cabelos que se apanham
com uma pequena tira em desalinho
Há Cadáveres

No preciso desta ausência
No que linda essa palavra
Em sua divina presença

Comandante, em sua linha
Há Cadáveres

Nas mangas calorentas da mulher do passaporte que se atira
pela janela do barquinho com um bebê nas costas
No barquilhaeiro que se obriga a fazer sorvete
No sorveteiro que se empasta
Na pasta, na palha, aí
Há Cadáveres

Exatamente aí, e nessa lissa
daquela que esfiapa, e
no soslaio da que não convém que se diga,
no pouco caso da que não se diga que não pensa, quem sabe
na que não se diz que se saiba...
Há Cadáveres

Porém, na lingüeta desse sapato que se ata, disfarçadamente, no
espelhim, no
cadarço dessa fivela que se arrasta, sem querer, pelo teto, pernas
pro ar desse moedeiro que se desinfla, como um bufão e, no
entanto, nessa c... que, como é que se escrevia? c... do quê?, mas, Com
Tudo
Sobretudo
Há Cadáveres

No vestido da que se desabrocha, febrilmente, na
menea da que se lagarta nessa hera, inerme no

desventrar da que não se abriga, mas, porém, com um
casaquinho, e em potiche de casaquinhos, e figurinos anteriores, modas
passadas como majas mortas das que
Há Cadáveres

Visíveis, são despançados divisantes boiando no pântano:
na barra das calças enlameadas, similmente;
no debrum da cauda do vestido de seda da noiva, que não se casa
porque seu noivo foi

.....!
Há Cadáveres

Nesse golpe baixo, na baixeza
dessa bochecha, no disfarce
ambíguo desse abutre, no z
dessas azaléias, acesas, nessa obscuridade
Há Cadáveres

Está cheio: nos potinhos de leite de leitea com que as
camponesas
acarinham os seus cachos, nos
fiordes das portuárias e marítimas que se deixam amanhecer, como às
ocultas, com a bombacha cheia; na
umidade dessas bolsinhas, bolas, pisoteadas com o movimento
dos de
Há Cadáveres

Parece isolado: desde o laço
desses *gauchos*, ao pelame da
tropa rebelada, nos canaviais (canatinga) e na moringa
desse agreste, no cheiro de brejo desse juiz
Há Cadáveres

Ai, no lamento dessa corista que vendia "estrelas federais"
Ui, no esperneio dessa harpista que pegava pequenos cães invertidos,
Uau, no peidar dessa carreira quando ruma pra cascata, com
uma garrafa de whisky "Russo" cheia de vidro nas alcinhas, nessas,
tão finas,
Há Cadáveres

Na fineza da costureirinha atando fitas onde houvesse um buraco
Na delicadeza das mãos que a manicure que eletriza
as unhas salitrosas, nas próprias
cutículas que ela abre, como numa toilette: no toucador, tão
...indeciso..., que
alfineta preciosamente os bispos, nas cadeiras da Rainha e
nas cartinhas da princesa, que no somido de uma realeza
que desmorona, oui
Há Cadáveres

Yes, no estojo de cânfora do preito dessa
bonita professora!
Ecco, nos gizes com que essa bonita professora! traça o rescaldo
desse incenso;
Da, na garganta dessa argola, ou no amolgado desse roxo
atravessado por um aro, anágua,

Já
Há Cadáveres

Nisso que empurra
o que se engasga,
Nisso que traga
o que emputarra,
Nisso que amputa
o que empala,
Nisso que, puta!
Há Cadáveres

Não dá mais pra segurar: o cabo
da pá que crava na terra seu rosário de musgos,
o rosário
da cruz que empala no muro a terra de uma clava,
a corrente
que prende aos juncos o chilido — tin, tin... — do choc-
alho, no gargalo que se esputa...
Há Cadáveres

Na mucosidade que se mamona, até, no gargarejo; na também
glacial amígdala; no florete que não se suga com prazer
porque leva uma orla de merda; na cuspida
que se estampa como creme na vara,
na saliva por onde penetra um elefante, nessas piadas
da formiga,
Há Cadáveres

Na conchinha dos pentelhos
No pirulito de um gladiador do sul, sonho
No florim de um perdulário que se emparrala, numas
brechas, no sudário do cliente
que paga um preço desmesuradamente alto pelo pó,
no pó
Há Cadáveres

No deserto dos consultórios
Na polvorosa dos divãs "inconscientes"
No incessante desse trâmite, desse "processo" em hospitais
onde o morto circula, nos corredores
onde as enfermeiras fazem SHHH! com uma agulha nos ovários,
nos vãos
das vitrines de cristal de orquestra onde os cirurgiões
se travestem de "homem drapeado",
oz gambáz de despojoz onde se tatua, ou talha (ou palata)
um paladar, em tornos
Há Cadáveres

Nas cestas de mamãe que volta e meia se enchem ou esvaziam de
esmeraldas, vidrilhos, nos debruns desse
viés que abraça — em excesso — esses corpetes, e no azul lunado dos
cabelos, gloriamar, no chupaço dessa teta que se espreme, no
genuflexório, contra um bandolim, salame, pleta de tersos canos...
Há Cadáveres

Nessas circunstâncias, quando a mãe
lava os pratos, o filho os pés, o pai o cinto, a

o sobaco, que

a "riela" de cinza
campos (campos, hum...), o por

do la bondiola

("se les ha volado la
cómplices,
muerta,

irmãzinha a mancha de pus, que, sob o sovaco, que
vai "crescente", ou
Há Cadáveres

Já não se pode enumerar: na pequena "trilha" de cinza
que espalha meu cavalo ao fumar pelos campos (campos, hum...), ou pelos
haras, ha, farás de conta que não
Há Cadáveres

Quando o cavalo pisa
os racemosos pôlderes,
empenachado afunda
nas forragens;
quando a andorinha, quera-quera,
voa em círculos, como um galo, ou o chouriço
como uma serpe "leite de cobra" se
dissipa,
os que observam chegam todos à seguinte
conclusão:
Há Cadáveres

Quando os estrangeiros, como crápulas ("enlouqueceu-os a
papisa, e a atacam a dois corpos"), cúmplices,
ajoelham-se (em) baixo da estátua de uma morta,
e ela é ultrajada!
Há Cadáveres

flaccidez de un ano,
is de un
zalea que ha florecido
o un paje
cuando la va embutiendo
orra, y

asmado por el su-

le una carroza

os muermos: cuando sin...
peces espadas, mirtas
del
reja

ua lomos, al contado,
ombre...
a su sorrilo de banlon,

Quando o cansaço de um revólver, a flacidez de um ânus,
já não se agüentam, o peso de um caralho, o mijo de um
"pau bêbado", a estirpe real de uma azaléia que floresceu
vermelha, como um seibo, ou um sérvio, quando um pajem
a poda, calmamente, a dentadas, quando a vai embutindo
contra uma parecita, e escarranchado, jorra, e
Há Cadáveres

Quando a enterra levemente, e entusiasmado com o su-
cesso de sua pica, mais
parafusa essa clava, quando "lardeia"
no pistilo dessa carniça o peristilo de uma carroça
destrambelhada, quando a vai girando
para que rase todos... os lunares, ou
Lugares,
Há Cadáveres

Varrufos, alcoxados (de teflon), macários mormos: quando sem...
atormenta, acrisola, anjos miriados de peixes-espada, mirtas
acnéicas, ou só adolescentes, doloridas do dedo
de um pontapé nas varizes, montinho
de ubre, percal crispado, rombudo clit...
Há Cadáveres

No país onde se oprime o moleiro
No estado em que o açougueiro vende seus lombos, a dinheiro,
e onde todas as Ocupações têm nome...
Nás regiões em que a perua revira a estolinha de banlon,
a farejam de longe, desde sempre
Há Cadáveres

Na província onde não se diz a verdade
Nos locais onde não se conta uma mentira
— Isto fica entre nós —

Nos banheiros de bêbados onde aparece uma pústula rubra na
braguilha do que urina — isto ainda vai longe —, contra
os azulejos, no vão, da 14 ou da 15, Corrientes com
Esmeraldas,
Há Cadáveres

E se converte imediatamente em La Cautiva,
os caciques lhe fazem um enema,
lhe abrem o c... para tirar-lhe o menino,
e o marido fica com a niña,
mas ela consegue guardar um escapulário com uma foto deslustrada,
de um camarim onde...
Há Cadáveres

Onde ele a traiu, onde quis convencê-la de que ela
era uma ovelha feita rameira, onde a cadela
o fodeu, onde a porca
deixou cair pela pontinha da boquita açucarada uns pelinhos
almiscarados, seduziu-o,
Há Cadáveres

Onde ela ejaculou, a calcinha toda macia, feito sobre
uma bombacha embonecada, como num
cálice espumante — os pedaços
de anéis flutuavam na "Solução Umectante" (método água por
água),

ela tinha que contar:
Há Cadáveres

O feto, criando-se num riachinho ratinheiro,
A avó, se ajeitando num agomil de lavagem,
A sogra, extraíndo uns carocinhos de sarmento,
A tia, enlouquecendo por uns pentes encurvados:
Há Cadáveres

A família, sacudindo-o nas dobras dos lençóis
A amiga, sem parar costurando um "desfiado" no nylon
O bobo, chupando uma babosa por uns papeizinhos desbotados
Um bofe, quando tentava introduzi-la pelo cano de escape de
uma Kombi,
Há Cadáveres

A desgrenhada, cujo coque desabou
por causa de tanto "reflexo", tantas "luzes";
A martineira, cujo coração preferiu não saber;
A despossuída, que enganchou os dentes ao tentar fugir de um táxi;
A que desejou, detrás de uma mantilha untuosa, desdentar-se
pra não ver o que via:
Há Cadáveres

A matrona casada, que ajudou o rapaz passando-lhe um
bom ponto;
a tecedora incansável, que se cansou procurando o ponto bem
discreto que não mostrasse nada
— e ao mesmo tempo desse a entender o que se passasse —;

s de sus obreras urdirse
aba esa textura acompasada...

los hilambres, las púas

da, en una cuna (o cuña)
impotente, a una quinta

illito, en las rodillas, le
a (Beba era tan bonita como una

porque capaz que se dan

porque a ver si se lo toma a

que te amputan una teta"

a te diste cuenta de nada

a dona da fábrica, que viu as veias de suas operárias se tramarem
tartilmente nos teares — e dava essa textura ritmada...

lilás...

A fiandeira, que tentou se enlear nos filambres, nas puas
Há Cadáveres

A que faz anos não vê um pau

A que o imagina, como que veludoso, num colo (ou consolo)

Beba, que fugiu com seu marido, já impotente, para uma estância
onde os

vigiavam, com um narigão, ou um martelinho, nos joelhos, lhe

pegaram os mamilos, com uma pincinha (Beba era tão bonita quanto uma
professora...)

Há Cadáveres

Era ver contra toda evidência

Era calar contra todo silêncio

Era manifestar-se contra todo ato

Contra toda lambida era mamar

Há Cadáveres

Era: "Não lhe diga que o viu comigo porque vai que
percebam"

Ou: "Não lhe conte que o vimos, vamos ver se ele
assume"

Talvez: "Não te convém saber porque te amputam uma teta"

Ainda: "Hoje atacaram uma vaca"

"Quando o encontrar faça de conta que não notou nada
... e pronto"

Há Cadáveres

el pezcuello
corsets, las fajas
resplandores de mangrullo, como
así

se muestran la marca de la liga,

ward

Como um brocado se ajustava em seu pescolo
Como uma frase feita lhe fechava os espartilhos, as fitas
Como um titilar esquecediço, eram como resplandores de bagre, como
uma gravata se espreita, espora de prata, assim
Há Cadáveres

No campo
No campo
Na casa
Na caça
Aí
Há Cadáveres

No declínio desta escritura
No rascunho dessas inscrições
No esfumado destas legendas
Nas conversas de lésbicas que exibem a marca da liga,
Nesse punho elástico,
Há Cadáveres

Dizer "em" não é uma maravilha?
Uma pretensão de centramento?
Um centramento do cêntrico, cujo centroavante
morre ao amanhecer, e decomposto de
El Túnel
Há Cadáveres

Uma área onde principais fossas?
Um louro onde arestas engaioladas?
Um pavilhão de periquitas saçaricas?
Um caroço, trincado, no cubismo
de superfície frívola...?

Há Cadáveres

Eu não queria comentar isso, Fernando, mas daquela vez que você me mandou
ao escritório, pra fazer os trâmites, quando eu
atravessava a rua, uma velhinha caiu, por uma viela, e os
carros que passavam, com essas perucas antiquadas (estou
precisando, já disse, de outra calça branca), você acha que eles iam
parar, Fernando? Imagina...
Há Cadáveres

Estamos fartas desta repetição, e cheias
desta repetição estamos.
As raparigas italianas
perdem o taquinho do salto 7 em La Boca!
As "modelos" — do partido polonês —
não encontram os botões (o decote se fechava por trás) em La Matanza!
Bugras vulgares e invejosas — de uma catinga sem rival — em Quilmes!
Manequins lindas nos desfiles de Avellaneda!
Barracas!
Há Cadáveres

lla le cuenta al nieto que es

e un novio federal!

Ai, não diga nada a dona Marta, que ela conta ao neto que é
um milico!

Se a Misia Amalia, que tem um noivo federal, fica sabendo!

E se a repentista se calasse!

E a violeira, arpeia!

Nem à vitroleira, que é uma tira!

Nem ao engraxate, um sacana!

Nem à que faz o gênero "volante"!

NEM

Há Cadáveres

Féretros alegóricos!

Porões metafóricos!

Pocinhos metonímicos!

Ex-plícito!

Há Cadáveres

Exercícios

Campanhas

Consórcios

Condomínios

Contractus

Há Cadáveres

Êrmos ou Longos

Pozzis ou Westerleys

Rouges ou Sombras

Tábuas ou Dobras

Há Cadáveres

- Nada disso acontece à toa
- Por que não?
- Não me diga que vai contá-los
- Você não acha?
- Quando se formou?
- Militava?
- Há Cadáveres?

Saíste Sozinha
Com o Fresquinho da Noite
Quando te Surpreenderam os Relâmpagos
Não Levaste uma Capinha
E
Há Cadáveres

Dá pra entender?
Estava claro?
Não era um pouco demais pra época?
As unhas azuladas?
Há Cadáveres

Yo soy aquél que ayer nomás...
Ela é a que...
Veíase el arpa...
Na atapetada sala...
Villegas ou
Há Cadáveres

Paraguay.

.....
.....
.....
.....

Não há ninguém?, pergunta a mulher do Paraguai.
Resposta: *No hay cadáveres.*